

Laranja Mecânica

Anthony Burgess

Tradução
Fábio Fernandes

5ª Reimpressão

X EDITORA
ALEPH

Copyright © Anthony Burgess, 1962

Copyright © Editora Aleph, 2004

Título original:
A Clockwork Orange

CRÉDITOS

CAPA: Thiago Ventura e André Felipe de Paula (Special Projects)

REVISÃO DA TRADUÇÃO E PREPARAÇÃO DE TEXTO: Adriano Fromer Piazzi

REVISÃO: Mônica Hamada e Hebe Ester Lucas

PROJETO GRÁFICO: Neide Siqueira

2004

Todos os direitos da edição em língua portuguesa para o Brasil reservados à

Aleph Publicações e Assessoria Pedagógica Ltda.

R. Dr. Luiz Migliano, 1110 – cjs. 301/302

05711-001 – São Paulo – SP – Brasil

Telefone: (11) 3743-3202

www.editoraaleph.com.br

aleph@editoraaleph.com.br

Publicado no Brasil em 1972 pela Arte Nova (trad. Nelson Dantas)

Publicado no Brasil em 1994 pela Ediouro (trad. Nelson Dantas)

Publicado no Brasil em 2004 pela Editora Aleph (trad. Fábio Fernandes)

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Burgess, Anthony

Laranja Mecânica / Anthony Burgess ; tradução Fábio Fernandes. –
São Paulo : Aleph, 2004.

Título original: A clockwork orange.

ISBN 85-7657-003-3

1. Ficção inglesa I. Título.

04-5603

CDD-823

Índice para catálogo sistemático:

1. Ficção: Literatura inglesa 823

5ª Reimpressão
2009

Aviso ao Leitor

No final deste livro você vai encontrar um glossário da linguagem Nadsat, que é o “dialeto” falado por Alex – protagonista e narrador de *Laranja Mecânica* – e sua gangue. A leitura desse glossário antes da história propriamente dita pode ser interessante para uma compreensão mais imediata da mecânica do texto.

Mas, se você quiser experimentar a sensação de profundo estranhamento que os leitores ingleses tiveram (e ainda têm, pois o glossário não é publicado nas edições britânicas), recomendamos descaradamente: mergulhe primeiro na narrativa bizarra de Alex e sinta o estranhamento de *Laranja Mecânica* da maneira que seu criador imaginou. E se depois você ainda quiser ler o glossário, tudo bem.

Seja qual for a opção, prepare-se: o choque (ou quem sabe o *tolotchok*, conforme você entenderá adiante) será grande. Mas você vai gostar.

Parte Um

1

– Então, o que é que vai ser, hein?

Éramos eu, ou seja, Alex, e meus três druguis, ou seja, Pete, Georgie e Tosko, Tosko porque ele era muito tosco, e estávamos no Lactobar Korova botando nossas rassudoks pra funcionar e ver o que fazer naquela noite de inverno sem-vergonha, fria, escura e miserável, embora seca. O Lactobar Korova era um mesto de leite-com, e possa ser, Ó, meus irmãos, que tenhais esquecido de como eram esses mestos, pois as coisas mudam tão skorre hoje em dia e todo mundo esquece tão depressa, porque também quase não se lê mais os jornais mesmo. Bom, o que vendiam ali era leite-com-tudo-e-mais-alguma-coisa. Eles não tinham autorização para vender álcool, mas ainda não havia leis contra prodar algumas das novas veshkas que costumavam colocar no bom e velho moloko, então você podia pitar com velocet, sintemesc, drenchrom ou alguma outra veshka que lhe daria uns belos de uns quinze minutos muito horrorshow só ali, admirando Bog e Todos os Seus Anjos e Santos no seu sapato esquerdo com luzes espocando por cima da sua mosga. Ou você podia pitar leite com faca dentro, como a gente costumava dizer, e isso te aguçava e te deixava pronto para um vinte-contra-um do cacete, e era isso o que estávamos pitando naquela noite com a qual começo esta história.

A gente estava com o bolso cheio de denji, por isso não havia realmente necessidade, do ponto de vista de krastar mais tia pecúnia, de dar um toltchok em algum vekio num beco e videá-lo nadar no próprio sangue enquanto a gente contava a pilhagem e dividia em quatro, nem ultraviolentar alguma ptitsa tremelique de cabelos branquinhos em uma loja e sair smekando com as tripas da caixa registradora. Mas, como dizem, dinheiro não é tudo.

Nós quatro estávamos no auge da moda, o que naqueles dias era vestir um par de calças pretas bem justas com o bom e velho molde de geléia, como a gente chamava, encaixado na virilha por dentro das calças para proteger, além do que também formava uma espécie de desenho que dava para videar com bastante clareza, dependendo da luz. Eu tinha um em forma de aranha. Pete tinha uma ruka (ou seja, uma mão), Georgie tinha um que era muito extravagante, de uma flor, e o coitado do Tosko tinha um muito brega com um litso (ou seja, rosto) de palhaço. Tosko era meio sem noção das coisas, e era, sem qualquer sombra de dúvida, o mais tosco de nós quatro. Também vestíamos paletós sem lapela que iam até a cintura, tipo colete, mas com ombros muito grandes dentro (a gente chamava eles de “pletchos”), que eram meio que uma sacaneada em quem tinha ombros daquele tamanho mesmo. Então, meus irmãos, usávamos umas gravatas off-white que mais pareciam purê de kartofel ou batata com uma espécie de desenho feito com garfo. Usávamos o cabelo não muito comprido e tínhamos umas botas horrorshow ideais para chutar.

– Então, o que é que vai ser, hein?

Havia três devotchkas sentadas juntas no balcão, mas nós éramos quatro maltchiks e o negócio costumava ser um por todos e todos por um. As esticas também estavam no auge da moda, com perucas roxas, verdes e laranjas nas gúivers, cada

qual custando, calculei eu, no mínimo três ou quatro semanas dos salários daquelas esticas, e maquiagem combinando (ou seja, arco-íris ao redor dos glazis e a rot pintada muito grande). Tinham ainda vestidos pretos longos muito retos, e na parte bombada usavam crachazinhos tipo assim de prata com nomes de maltchiks em cada um: Joe, Mike e outros assim. Normalmente eram os nomes dos vários maltchiks com quem elas haviam espetado antes dos quatorze. Elas não paravam de olhar na nossa direção e eu quase senti vontade de dizer que nós três (pelo canto da minha rot, ou seja) deveríamos sair para fazer um pouco de pol e deixar o coitado do Tosko para trás, porque seria apenas uma questão de kupetar para o Tosko meio litro de branquinho mas com um tanto de sintemesc misturado, só que isso não seria jogar direito o jogo. Tosko era feio feio feio e igualzinho ao seu nome, mas era um tremendo lutador horrorshow e usava a bota muito bem.

– Então, o que é que vai ser, hein?

O tchelovek sentado ao meu lado, ali naquele banco comprido e grande de pelúcia que percorria três paredes, estava longe, longe, com os glazis embaçados e meio que borbulhando slovos tipo “Aristóteles trama tralha trabalha vomitando ciclâmens e fica forficuladamente inteligente”. Ele estava em outro mundo mesmo, bem distante, lá em órbita, e eu sabia bem como era isso, pois já tinha experimentado essa sensação como todo mundo, mas daquela vez fiquei pensando que era uma veshka tipo assim meio covarde, Ó, meus irmãos. Você fica ali jogado depois de tomar o bom e velho moloko e aí fica com a messel de que tudo ao seu redor meio que já aconteceu antes. Você até consegue videar tudo direitinho, tudo mesmo, com muita clareza – as mesas, o estéreo, as luzes, as esticas e os maltchiks – mas era como se fosse uma veshka que antes estava lá mas agora não está mais. E você

ficava assim meio que tipo hipnotizado pela sua bota ou pelo seu sapato ou pela unha, tanto faz, e ao mesmo tempo você ficava meio como se te pegassem pelo cangote e sacudissem que nem um gato. Você é sacudido sem parar até não sobrar mais nada. Você perde seu nome, seu corpo, seu eu e não está nem aí, e espera até sua bota ou sua unha ficarem amarelas, e ficarem cada vez mais amarelas. Então as luzes começam a piscar como explosões atômicas e a bota ou a unha ou, também pode acontecer, uma sujeirinha no fundo das suas calças se transforma num mesto grande grande grande, maior que o mundo inteiro, e aí você vai justamente ser apresentado ao bom e velho Bog ou Deus quando tudo acaba. Você volta pro lado de cá e aí fica meio que gemendo baixinho, com a rot toda buábuá. Agora, isso é muito bacana, mas também é muito covarde. Você não foi posto neste mundo só para entrar em contato com Deus. Esse tipo de coisa pode sugar toda a força e a virtude de um tchelovek.

– Então, o que é que vai ser, hein?

O estéreo estava ligado e dava a impressão de que a goloza do cantor ia de um lado para o outro do bar, voando até o teto e depois descendo rapidamente mais uma vez e ricocheteando de uma parede para outra. Era Berti Laski rascando uma velharia velha demais chamada “Você Estufa a Minha Tinta”. Uma das três ptitsas no balcão, a da peruca verde, ficava estufando e encolhendo a barriga ao ritmo daquilo que chamavam de música. Eu já estava sentindo as facas do bom e velho moloko começarem a espetar, e agora estava prontinho para um pouco de vinte-contra-um. Aí eu lati: – Fora fora fora fora! – que nem um cachorro, e dei um tapa horrorshow no oko ou ouvido do vek sentado ao meu lado e que estava longe, longe, borbulhando, mas ele nem sentiu e continuou com seu “equipamento telefônico e quando o farfáculo fica péinpéinpéin-

péin”. Mais tarde, quando ele saísse do outro mundo e voltasse pra cá, ia sentir isso direitinho.

– Fora pra onde? – perguntou Georgie.

– Ora, vamos dar uma caminhada – eu disse – e videar o que aparece, Ó, meus irmãozinhos.

Então saímos para dentro da grande notchi de inverno, descemos o Marghanita Boulevard e viramos na Boothby Avenue, e foi lá que encontramos aquilo que muito procurávamos, uma brincadeira malenk para começar bem a noite. Era um vekio starre estilo professor aloprado, de óculos e rot aberta no ar frio da notchi. Levava livros embaixo do braço e um guarda-chuva todo esculhambado, e estava vindo da Biblio Pública, que pouquíssimos plebeus usavam naquele tempo. Não se via mesmo muitos dos velhos burgueses na rua depois que a noite caía, com a falta de policiais e nós bons e jovens maltchikiviks por aí, e esse tchelovek tipo prof era o único andando em toda a rua. Então nós fomos guliando até perto dele, bem-educados, e eu disse: – Perdoai-me, irmão.

Ele fez uma cara um malenk pugli quando videou nós quatro assim, chegando tão de mansinho, educados e sorrindo, mas disse: – Sim? O que foi? – em uma goloz muito alta tipo professor, como se estivesse tentando nos mostrar que não estava pugli. Eu disse:

– Estou vendo que tens livros debaixo do braço, irmão. É de fato um raro prazer, hoje em dia, encontrar alguém que ainda leia, irmão.

– Ah – ele disse, tremendo todo. – É mesmo? Sei, sei. – E não parava de olhar de um para o outro de nós quatro, vendo que agora estava tipo assim no meio de um quadrado mui sorridente e educado.

– Sim – disse eu. – Interessar-me-ia enormemente, irmão, se gentilmente me permitisses ver que livros são esses que

tens debaixo de teu braço. Nada me agrada mais neste mundo do que um livro bom e decente, irmão.

– Decente – ele disse. – Decente, é? – E então Pete skivatou aqueles três livros dele e os passou para os outros super skorre. Como eram três, cada um de nós ficou com um livro para videar, menos o Tosko. O que eu tinha se chamava *Cristalografia Elementar*, então eu o abri e disse: – Excelente, é mesmo de primeira – e fiquei ali virando as páginas. Então eu disse com uma goloz muito chocada: – Mas o que é isto aqui? Que slovo suja é esta, fico ruborizado só de olhar para ela. Você me decepciona, irmão, de verdade.

– Mas – ele tentou – mas, mas...

– Nossa – disse Georgie. – Isto aqui é o que eu chamo de indecência. Tem uma slovo começando com f e outra com c. – O livro que estava com ele se chamava *O Milagre do Floco de Neve*.

– Nossa – disse o coitado do velho Tosko, smotando por cima do ombro de Pete e passando do limite, como sempre fazia –, aqui diz o que ele fez com ela, e tem até figura e tudo. Ora, ora – ele disse – você não passa de um velho safado de cabeça suja.

– Que feio para um velho de sua idade, irmão – eu disse, e comecei a rasgar o livro que estava comigo, e os outros fizeram o mesmo com os deles; Tosko e Pete fizeram um cabo de guerra com *O Sistema Romboédrico*. O velhote tipo prof começou a krikar: – Mas eles não são meus, são propriedade do município. Isso é pura maldade e vandalismo – ou slovos assim. E ele meio que tentou tirar os livros de nós à força, o que foi patético. – Você merece uma lição, irmão – eu disse. – Ah, merece. – Aquele livro sobre cristais que estava comigo possuía uma capa muito dura e difícil de rasgarazgar em pedacinhos, porque era mesmo starre, tinha sido feito num tempo

em que as coisas eram feitas tipo assim para durar, mas acabei conseguindo arrancar as páginas e jogá-las em punhados, como flocos de neve, ainda que grandes, por cima daquele vekio que não parava de krikar, e então os outros fizeram a mesma coisa com os deles, e o bom e velho Tosko só ficava dançando como o palhaço que era. – Pronto – disse Pete. – Está aí o que você merece, seu leitor safado de indecência e porcaria.

– Seu vekio safado – eu disse, e então começamos a filar com ele. Pete segurou as rukas dele, Georgie abriu sua rot e Tosko arrancou seus zubis falsos, os de cima e os de baixo. Jogou-os na calçada e então eu apliquei neles o bom e velho tratamento esmaga-botas, embora fossem difíceis de quebrar, porque eram feitos daquele novo material horrorshow de plástico. O vekio começou a fazer uma espécie de shons abafados – uuf uaf uof – então Georgie soltou os gubers dele e simplesmente deixou que ele levasse uma na rot sem dentes com seu punho cheio de anéis. Isso fez o vekio gemer muito na hora, e foi aí que brotou o sangue, meus irmãos, muito lindo. Então tudo o que nós fizemos foi puxar suas platís externas pra baixo, deixando ele só de colete e ceroulas (muito starre; Tosko se matava de tanto smekar) e depois o Pete o chutou lindamente na pança, e nós o deixamos ir. Ele saiu meio que cambaleante, porque não tinha sido um toltchok tão forte assim, dizendo – ai, ai, ai – sem saber onde estava nem quem era. Nós rimos dele e então riflamos seus bolsos, Tosko dançando ao redor com o guarda-chuva esculhambado enquanto isso, mas não tinha muita coisa neles. Havia umas cartas starres, algumas delas datando até 1960 com “minha querida, minha querida” e essa tchepuka toda, um chaveiro e uma caneta velha que vazava. O bom e velho Tosko parou com a dança do guarda-chuva, e é claro que tinha que começar a ler uma das cartas

em voz alta, tipo assim para mostrar à rua deserta que sabia ler. – Minha querida – ele recitou em uma goloiz assim bem alta –, eu pensarei em você enquanto você estiver fora e espero que se lembre de se agasalhar bem quando sair à noite. – Então soltou um smek muito shonoro – huá huá huá – fingindo que estava limpando seu yama com a carta. – Tudo bem – eu disse. – Deixai-o ir, Ó, meus irmãos. – Nas calças do vekio só havia um malenk de cortador (ou seja, dinheiro), não tinha mais do que três golis, então jogamos suas moedinhas muquiranas no olho da rua, porque era desprezível em relação à quantidade de tia pecúnia que já tínhamos conosco. Então quebramos o guarda-chuva dele e o demos aos ventos que sopravam, meus irmãos, e aí deixamos o vekio tipo prof de lado. Não havíamos feito muita coisa, eu sei, mas era meio que o começo da noite e eu não tenho que ficar pedindo desculpaculpas a ninguém por isso. As facas do leite-com agora estavam espetando bonitinho e horrorshow.

A próxima coisa a fazer era a sameadura, que era um jeito de descarregar um pouco do nosso cortador para termos mais um incentivo para krastar uma loja, além do que era um jeito de comprar um álibi adiantado. Então entramos no Duque de Nova York na Amis Avenue e, claro, havia três ou quatro babushkas velhas pitando suas pretinhas com espuma por conta do AE (Auxílio do Estado). Agora nós éramos maltchiks muito bonzinhos, sorrindo e dizendo a todos – olá, como vai, vai bem? –, embora as velhas lamparinas enrugadas tivessem começado a tremer na base, segurando os copos com as rukas velhas tremendo e fazendo a espuma derramar na mesa. – Deixa a gente em paz, garoto – disse uma delas que tinha um rosto que parecia um mapa de mil anos de idade. – Somos só umas pobres velhas. – Mas nós simplesmente fizemos assim com os zubis, flash flash flash, nos sentamos, tocamos a

sineta e esperamos o rapaz aparecer. Quando ele veio, todo nervoso e esfregando as rukas no avental gordurado, pedimos quatro veteranos: veterano é rum misturado com cherry brandy, que estava na moda, sendo que tinha quem gostasse de uma rodelinha de lima, a variação canadense. Então eu disse ao garoto:

– Dê a estas pobres e velhas babushkas que estão ali alguma alimentação. Escoceses em copo grande para todas e algo para levar para viagem. – E derramei meu bolso cheio de denji em cima da mesa toda, e os três fizeram o mesmo, Ó, meus irmãos. Então copos duplos de ouro-de-fogo foram trazidos para as lamparinas velhas apavoradas, e elas não sabiam o que dizer. Uma delas disse – Obrigada, rapazes –, mas dava pra ver que elas achavam que vinha alguma sacanagem por aí. De qualquer maneira, cada qual ganhou uma garrafa de Yank General, ou seja, conhaque, para levar, e eu dei dinheiro suficiente para que cada uma delas recebesse uma dúzia de pretinha com espuma na manhã seguinte, e as shinas velhas fedidas deixaram seus endereços no balcão. Então, com o cortador que restou nós compramos, meus irmãos, todas as tortas de carne, pretzels, salgadinhos de queijo, crisps e chocobars daquele mesto, e tudo isso também era para as velhotas. Então dissemos: – Voltamos num minueto –, e as velhas ptitsas ainda estavam dizendo – obrigada, rapazes –, e – Deus abençoe vocês, garotos –, e estávamos saindo sem um centavo de cortador nos nossos karmans.

– Isso faz a gente se sentir dobi mesmo, não faz? – disse Pete. Dava para videar o pobre do velho Tosko, tão tosco que não estava poneando nada daquilo mas que não falava nem uma palavra por medo de ser chamado de glupi e menino-prodígio retardado. Bem, agora nós estávamos virando a esquina na direção da Attlee Avenue, e tinha uma loja de doces

e cânceres ainda aberta. A gente não sacaneava com eles já fazia quase três meses e o bairro inteiro andava muito quieto como um todo, então os miliquinhas ou patrulheiros rozas armados não andavam muito por ali, ficando mais ao norte do rio naquele tempo. Colocamos nossas mascaretas. Coisa nova, horrorshow mesmo, um trabalho muito bem-feito; eram os rostos de personalidades históricas (eles diziam para você os nomes quando você comprava). Eu tinha Disraeli, Pete tinha Elvis Presley, Georgie tinha Henrique VIII e o coitado do bom e velho Tosko tinha um vek poeta chamado PB Shelley; eram um disfarce de verdade, com cabelo e tudo, e eram feitas de uma veshka plástica muito especial que dava para enrolar e esconder na bota quando você acabasse de usar. Então nós três entramos. Pete ficou montando chasso do lado de fora, não que houvesse algo para nos preocupar lá fora. Assim que entramos na loja fomos direto pra cima do dono, o Slouse, um vek gordo que nem geléia que videou na hora o que estava acontecendo e foi direto para dentro onde ficava o telefone e talvez sua pushka bem azeitada, carregada com seis cartuchos miseráveis. O Tosko deu a volta naquele balcão skorre feito um passarinho, derrubando pacotes de tubinhos e quebrando um grande display que mostrava uma garota com os zubis reluzindo para os clientes e seus grudis quase saltando pra fora pra anunciar uma marca nova de cânceres. Aí só deu pra videar uma espécie de bola grande rolando para dentro da loja atrás da cortina, e essa bola era o Tosko e o Slouse meio que travados numa luta mortal. Depois deu pra sluchar eles arfando, ofegando e chutando atrás da cortina, veshkas caindo, palavrões e vidro fazendo crac crac crac. Mama Slouse, a esposa, ficou assim meio que paralisada atrás do balcão. Dava para ver que ela iria krikar socorro a qualquer momento, então eu dei a volta naquele balcão muito

skorre e segurei ela, que tinha um peso muito horrorshow, toda nukando a perfume e com grudis grandes balançando. Eu havia colocado minha ruka em cima da rot dela para impedir que ela gritasse morte e destruição aos quatro ventos do céu, mas essa cadela me deu uma mordida horrível e aí quem krikou fui eu, e então ela se abriu lindamente com um grito bacana para os miliquinhas. Bom, então ela teve que ser adequadamente toltchokada com um dos pesos da balança, e depois levou uma bela de uma pancada com um pé-de-cabra que eles tinham ali para abrir caixotes, e isso fez o vermelho jorrar como um velho amigo voltando. Então coloquei ela no chão, rasguei as platis dela só de brincadeira e dei um chutinho com a bota para que ela parasse de gemer. E, videando ela ali deitada com os grudis aparecendo, fiquei pensando se devia ou não devia, mas isso era para mais tarde. Então limpamos o caixa, fizemos uma bela pilhagem horrorshow naquela notchi, pegamos algumas caixas dos melhores cânceres cada um, e saímos, meus irmãos.

– Mas como aquele filho da puta era enorme – o Tosko não parava de falar. Eu não estava gostando da cara do Tosko; ele parecia sujo e desarrumado, como um vek que havia se metido em alguma briga, o que é claro que ele havia feito, mas você jamais deve ter a aparência de que acabou de fazer isso. A gravata dele parecia que havia sido pisada, sua mascareta tinha sido arrancada e ele estava com o litso sujo de poeira, então o levamos para um beco e demos uma ajeitada malenk, molhando nossos tashtuks em cuspe para chispar a poeira fora. As coisas que fazíamos pelo nosso bom e velho Tosko. Voltamos ao Duque de Nova York super skorre e percebi pelo meu relógio que não havíamos ficado fora mais do que dez minutos. As velhas babushkas ainda estavam ali nas pretinhas com espuma e nos Escoceses que tínhamos com-

prado para elas, e dissemos: – Olá, garotas, o que vai ser? – Elas começaram o velho – Muito gentil, rapazes, Deus abençoe vocês, garotos – e assim nós tocamos a kolokol e desta vez veio um garçom diferente. Pedimos cervejas misturadas com rum, porque estávamos com as gargantas secas, meus irmãos, e o que quer que as velhas ptitsas quisessem. Então eu falei para as babushkas velhas: – A gente não saiu daqui, saiu? A gente ficou aqui o tempo todo, não foi? – Todas elas entenderam skorre e disseram:

– Isso mesmo, rapazes. Não saíram da nossa vista, não mesmo. Deus abençoe vocês, rapazes – bebendo.

Não que isso importasse tanto assim, na verdade. Cerca de meia hora se passou antes que os miliquinhas dessem algum sinal de vida, e quando isso aconteceu apenas dois rozas muito novinhos entraram, muito rosados debaixo de seus enormes shlemis de cobre. Um deles disse:

– Vocês aí, sabem de alguma coisa sobre o que aconteceu esta noite na loja Slouse?

– Nós? – perguntei, inocente. – Por quê, o que aconteceu?

– Roubo e agressão. Duas hospitalizações. Onde vocês estavam no começo da noite?

– Não estou gostando desse tom maldoso – eu disse. – Não gosto dessas insinuações maldosas. Tudo isso prenuncia uma natureza muito suspeitosa, meus irmãozinhos.

– Eles estiveram aqui a noite toda, rapazes – as velhotas começaram a krikar. – Deus os abençoe, nunca vimos rapazes tão gentis e generosos. Estiveram aqui o tempo todo, estiveram mesmo. A gente não viu eles darem um passo, não mesmo.

– Só estamos perguntando – disse o outro jovem miliquinha. – Temos nosso trabalho para fazer como todo mundo. – Mas mesmo assim nos deram aquele olhar mau de aviso an-

tes de saírem. Quando estavam saindo, nós tocamos para eles um pouquinho de música labial: prrrrrrrrr. Mas eu não conseguia deixar de me sentir um pouquinho decepcionado com as coisas do jeito que eram naquela época. Nada contra o que lutar de verdade. Tudo era fácil como tirar doce de criança. Mas a noite ainda era mesmo uma criança.

2

Quando saímos do Duque de Nova York, videamos pela janela comprida e iluminada do bar principal um velho e borbulhante pianitza ou bêbado, uivando as canções indecentes de seus pais e um blurp blurp no meio como se uma orquestra velha de merda estivesse tocando nas suas tripas podres e fedidas. Se tem uma veshka que eu não tolero é essa. Nunca consegui suportar ver um mudji todo sujo, rolando, arrotando e bêbado, seja lá qual for a sua idade, mas principalmente quando é realmente starre como aquele ali era. Ele estava meio que achatado na parede, e suas platis eram uma desgraça, todas vincadas, amassadas e cobertas de lama, kal, sujeira e essas coisas. Então nós pegamos ele e o cobrimos com uns belos de uns toltchoks horrorshow, mas ele ainda continuou cantando. A canção era assim:

E eu voltarei para minha querida, minha querida
Quando você, minha querida, tiver partido.

Mas quando o Tosko socou ele algumas vezes naquela sua rot suja de bêbado, ele parou de cantar e começou a krikar:

– Isso, me matem, seus covardes miseráveis, eu não quero viver mesmo, não num mundo fedido como este. – Então eu falei pro Tosko parar um pouco, porque às vezes me interessava sluchar o que alguns desses decreps starres tinham para dizer sobre a vida e o mundo. Eu perguntei: – Ah, é? E o que há de fedido nele?

Ele gritou: – É um mundo fedido porque ele deixa os jovens baterem nos velhos como vocês fizeram, e não existe mais lei nem ordem. – Ele estava krikando alto e acenando com as rukas e fazendo um verdadeiro horrorshow com as slovos, só o blurp blurp bizarro saindo de suas kishkas, como se alguma coisa estivesse orbitando ali dentro, ou como se fosse um mudji muito mal-educado interrompendo algo com um shom, e o vekio ficou meio que ameaçando com os punhos, gritando: – Este mundo não é mais para nenhum velho, e isso quer dizer que não tenho o menor medo de vocês, moleques, porque estou bêbado demais para sentir dor se vocês me baterem, e se me matarem ficarei feliz em morrer. – Nós smekamos e depois sorrimos, mas não dissemos nada, e então ele disse: – Mas que tipo de mundo é esse? Homens na Lua e homens girando ao redor da Terra como mariposas numa lâmpada, e ninguém presta mais atenção às leis e à ordem terrenas. Então podem fazer o pior que puderem, seus arruaceiros miseráveis covardes. – Então ele nos deu um pouco de música labial: – Prrrrrrrr – exatamente como havíamos feito com aqueles jovens miliquinhas, e recomeçou a cantar:

Ah, querida querida terra, por ti eu lutei
E trouxe paz e vitória para ti...

Então nós arrebentamos ele bonitinho, sorrindo com nossos litsos de orelha a orelha, mas ele não parava de cantar.

Então nós o derrubamos e ele se estabacou no chão e botou pra fora um barril de vômito de cerveja. Isso foi tão nojento que a gente meteu a bota nele, um de cada vez, e depois não foi nem música nem vômito que saiu da sua rot velha e imunda, foi sangue. Então tomamos nosso rumo.

Foi virando a esquina da Usina de Força Municipal que cruzamos com Billyboy e seus cinco druguis. Agora, naqueles dias, meus irmãos, os grupos eram, em sua maioria, de quatro ou cinco, sendo assim tipo autogrupos, porque quatro era um número que dava certinho num auto, sendo portanto seis o limite máximo para o tamanho das gangues. Às vezes, gangues se juntavam para formar exércitos malenks para uma grande noite de guerra, mas na maioria das vezes era melhor circular em número reduzido. Billyboy era uma coisa que me fazia querer vomitar só de videar sua litso gorda sorridente, e ele sempre tinha esse von de óleo bem velho que foi usado para fritar muitas e muitas vezes, até mesmo quando estava vestido com suas melhores platis, como agora. Eles nos videaram como nós os videamos, e então ficou um clima assim de um vigiando o outro mui silenciosamente. Aquilo ia ser real, aquilo ia ser adequado, ia ser a noja, a uji, a britva, e não só punhos e botas. Billyboy e seus druguis pararam o que estavam fazendo, que era simplesmente se preparar para executar alguma coisa numa devotchkinha chorona que estava ali com eles, não devia ter mais de dez anos. Ela krikava mas com as calças ainda no lugar, o Billyboy segurando ela por um ruka e o seu Imediato, Leo, segurando o outro. Eles provavelmente haviam acabado de fazer a parte do ato que era falar umas slovos de sacanagem antes de iniciar um malenk de ultraviolência. Quando eles nos videaram chegando, soltaram a ptitsazinha buábuá, porque de onde ela veio tinha muito mais, e ela correu com as perninhas finas e brancas deixando rastros no escuro, ainda fazendo

“aiaiai”. Eu disse, sorrindo mui largamente e drugui: – Ora, ora, se não é o gordo fedido do Billyboy billybode em pessoa. Como estás tu, barril de banha barata e fedida? Venha levar uma nos yarblis, se é que você tem algum yarbli, seu pudim de banha eunuco. – E então começamos.

Éramos quatro de nós contra seis deles, como eu já havia indicado, mas o coitado do Tosko, com toda a sua tosqueira, valia por três dos outros em loucura pura e briga desleal. O Tosko tinha uma uji ou corrente horrorshow enrolada na cintura, duas voltas, que ele desenrolou e começou a girar lindamente na altura dos olhos ou glazis. Pete e Georgie tinham umas nojas bem afiadas, mas da minha parte eu tinha uma britva starre horrorshow degoladora que, naquela época, eu sabia reluzir e girar como um artista. Então estávamos dratando na escuridão, e a velha Luna que tinha homens em sua superfície acabava de aparecer, as estrelas como facas ansiosas para entrar na drata. Com a minha britva consegui fazer um corte bem na frente das platis de um dos druguis do Billyboy, corte mui mui preciso, sem sequer tocar no ploti debaixo da roupa. Então, no meio da drata, esse drugui do Billyboy de repente se viu todo aberto feito uma vagem de ervilha, com a barriga aparecendo e os coitadinhos dos yarblinhos de fora, e aí ele ficou muito mas muito razdraz, acenando, gritando e perdendo a guarda e deixando o velho Tosko com sua corrente serpenteando uiiiiisssssssshhhhh, e aí o velho Tosko correntou ele bem nos glazis, e aquele drugui do Billyboy saiu cambaleando e uivando o coração pra fora. Estávamos indo muito horrorshow, e num instantinho tínhamos posto o Imediato do Billyboy no chão, cegado pela corrente do velho Tosko e rastejando e uivando como um bicho, mas, com uma bela botinada na gúlover, ele apagou gou gou.

De nós quatro, Tosko, como sempre, saiu com o pior aspecto, ou seja, estava com o litso todo ensangüentado e as calças sujas e amarrotadas, mas nós ainda estávamos tranquilos e inteiros. Agora eu queria era o gorducho e fedorento do Billyboy, e lá estava eu dançando com minha britva como se fosse um barbeiro a bordo de um navio em um mar muito agitado, tentando chegar até ele com alguns belos golpes em seu litso sujo e oleoso. Billyboy tinha uma noja comprida, daquelas que você abre com um giro do pulso, mas ele era um malenk mais lento e pesado em seus movimentos para vreditar alguém realmente mal. E, meus irmãos, foi para mim uma verdadeira satisfação valsar – esquerda dois três, direita dois três – e escavar bochechinha esquerda e bochechinha direita, ficando como se duas cortinas de sangue parecessem jorrar ao mesmo tempo, uma em cada lado da tromba suja, gorda e oleosa sob a luz das estrelas de inverno. O sangue descia como cortinas vermelhas, mas dava pra videar que o Billyboy não estava sentindo nada, e ele partiu pra cima de mim como um urso gordo e sujo, tentando me espetar com sua noja.

Então nós sluchamos as sirenes e percebemos que os miliquinhas estavam chegando com pushkas despontando prontinhas das janelas dos autos de polícia. Sem dúvida aquela devotchka chorona havia contado a eles, porque havia uma caixa para chamar os rozas que não ficava muito longe da Usina de Força do Muni. – Pegar-vos-ei em breve, não temei – eu gritei – bodinho fedorento. Vou arrancar seus yarblis lindamente. – Então eles se mandaram, devagar, ofegantes, para norte na direção do rio, exceto o Imediato Leo, que roncava no chão, e nós fomos para o lado oposto. Logo virando a próxima esquina havia um beco, escuro e vazio e aberto em ambas as pontas, e ali repousamos, ofegando rápido, depois mais

devagar, até respirarmos assim tipo normal. Era como descansar entre os pés de duas montanhas maravilhosas e muito enormes, sendo estas os flatblocos, e nas janelas de todos os flats dava pra videar uma luz azul dançando. Era a tevê. Naquela noite estava rolando o que chamavam de transmissão mundial, o que significava que o mesmo programa estava sendo videado por todo mundo que quisesse no mundo inteiro, e esses eram, em sua maioria, plebeus de meia-idade e classe média. Um grande, famoso e imbecil tchelovek comediante ou cantor negro ia se apresentar, e estava tudo sendo ricocheteado pelos satélites de tevê especiais no espaço, meus irmãos. Nós esperamos ofegando, e podíamos sluchar os miliquinhas sirenantes indo para o leste, por isso sabíamos que agora estava tudo bem. Mas o coitado do Tosko ficava olhando para as estrelas, os planetas e a Luna com a rot escancarada como um garoto que nunca tinha videado essas coisas antes, e disse:

– O que será que existe nelas? Como deve ser lá em cima naquelas coisas?

Dei-lhe um cutucão com força, dizendo: – Ora, glupi miserável que és. Não pensai nelas. Haverá vida cá para baixo, é o mais provável, com uns sendo esfaqueados e outros a esfaquear. E agora, com a notchi ainda molodoi, sigamos nós o nosso caminho, Ó, meus irmãos. – Os outros smekaram, mas o coitado do Tosko olhou sério para mim, e depois novamente para as estrelas e para a Luna. Então seguimos nosso caminho beco abaixo, com a transmissão mundial azulando de cada lado. Nós precisávamos agora era de um auto, então viramos à esquerda ao sair do beco, sabendo de cara que estávamos em Priestly Place assim que videamos a grande estátua de bronze de um poeta starre com um lábio superior tipo assim de macaco e um cachimbo enfiado numa rot velha caída. Indo

para o norte, chegamos ao velho e sujo Filmódromo, descascando e caindo aos pedaços porque ninguém ia mais lá, a não ser maltchiks como eu e meus druguis, e mesmo assim só para um grito, um rasgaraz ou um pouquinho de entra-sai-entra-sai no escuro. Dava pra videar pelo cartaz na frente do Filmódromo, iluminado por uns dois refletores sujos de cocô de mosca, que era o filme de caubói de sempre, com os arcanjos do lado do xerife americano metendo bala nos ladrões de gado das legiões de combatentes do inferno, o tipo de veshka besta que a Filместatal produzia naqueles dias. Os autos estacionados perto do cine-cínico não eram assim tão horror-show, a maioria eram umas veshkas starres de merda, mas havia um Durango 95 novinho que eu achava que dava pro gasto. Georgie tinha uma daquelas policlaves, como chamavam, no seu chaveiro, então, num instante, estávamos a bordo – Tosko e Pete atrás, dando nobres baforadas em seus cânceres – e eu liguei a ignição, dei a partida, e ele grunhiu horrorshow mesmo, um grunhido com uma sensação vibrátil gostosa e quentinha passando por suas categutes. Então pisei fundo com o noga, e demos à ré lindamente, e ninguém nos videou saindo fora.

Filamos ao redor do que chamavam de periferia por um tempinho, assustando vekios e shinas que atravessavam as ruas e fazendo ziguezague atrás de gatos e coisas do tipo. Então pegamos a estrada para oeste. Não havia muito tráfego, então continuei pisando com o velho noga até quase encostar no chão, e o Durango 95 comeu a estrada como se ela fosse feita de espaguete. Num instante eram tudo árvores de inverno e escuridão, meus irmãos, com uma paisagem escura, e dali a pouco eu atrolei alguma coisa grande com uma rot resfolegante cheia de dentes nos faróis, e então ela gritou e espremeu embaixo e o velho Tosko lá atrás quase arreventou a

gúliwer de tanto rir – hou hou hou – com isso. Então vimos um jovem maltchik com sua estica, lubilubilando debaixo duma árvore, então nós paramos e sacaneamos eles, então atacamos os dois com um par de toltchoks sem muita empolgação, fazendo eles chorarem, e fomos em frente. Agora nós estávamos a fim era da velha visita-surpresa. Isso era uma coisa excitante de verdade, boa para smeks e ultraviolências. Acabamos chegando a um tipo de vilarejo, e logo do lado de fora desse vilarejo havia um tipinho assim de chalé meio isolado com um jardimzinho. A Luna estava alta no céu agora, e dava pra videar com clareza esse chalé enquanto eu chegava e pisava no freio, os outros três dando risadinhas feito bizumnis, e dava pra videar o nome no portão daquele chalé – LAR –, um nomezinho meio soturno. Eu saí do auto, ordenando a meus druguis que parassem com as risadinhas e ficassem sérios, abri o portão malenk e caminhei até a porta da frente. Bati com doçura e delicadeza e ninguém veio, então bati um pouco mais e dessa vez consegui sluchar alguém se aproximando, depois uma tranca sendo aberta e em seguida a porta centimetrando aberta, e aí eu videei um único glaz olhando para mim e a porta estava com uma corrente. – Sim? Quem é? – Era uma goloz de estica, uma devotchka novinha pelo som, e então respondi com um falar mui refinado, a goloz de um verdadeiro cavalheiro:

– Pardon, madam, lamento muitíssimo perturbá-la, mas meu amigo e eu saímos para uma caminhada, e meu amigo pôs-se mal subitamente com um ataque muito perturbador, e está lá fora na estrada caído e gemendo. A senhora faria a gentileza de me deixar usar seu telefone para telefonar para uma ambulância?

– Não temos telefone – disse a devotchka. – Desculpe, mas não temos. O senhor terá de ir a outro lugar. – Do lado de dentro

desse chalé malenk eu podia sluchar o clac clac clac claqui clac clac clac caclac de um vek datilografando, e então a datilografia parou e a goloz desse tchelovek chamou: – O que é, querida?

– Bem – eu disse –, a senhora em sua bondade poderia por favor lhe dar um copo de água? É como um desmaio, sabe. Parece que ele desmaiou em uma espécie de ataque de desmaio.

A devotchka meio que hesitou e depois disse: – Espere. – Então ela saiu, e meus três druguis tinham saído quietinhos do auto e se esgueirado muito horrorshow. Colocaram suas mascaretas, e então eu coloquei a minha, e aí foi apenas uma questão de eu enfiar a velha ruka e soltar a corrente, depois de ter amaciado aquela devotchka com minha goloz de cavalheiro, de modo que ela não havia fechado a porta como deveria ter feito, sendo nós estranhos na noite. Nós quatro então entramos com tudo, o velho Tosko tocando terror como de costume, pulando pra cima e pra baixo e cantando slovos indecentes, e era um chalé malenk bonitinho, isso eu tenho que admitir. Todos entramos smekando no aposento que tinha uma luz acesa, e aquela devotchka estava meio que encolhida, uma bela дума estica novinha com grudis horrorshow mesmo, e junto com ela estava um tchelovek que era o mudji dela, também novinho, com otchkis com aro de tartaruga, e sobre uma mesa havia uma máquina de escrever e muito papel espalhado por toda parte, mas havia uma pilhazinha de papel que parecia ser aquilo que ele já tinha datilografado, então ali estava outro homem de livros de tipo inteligente como aquele que havíamos filado algumas horas antes, mas este aqui era um escritor e não um leitor. De qualquer maneira, ele disse:

– O que é isso? Quem são vocês? Como ousam entrar em minha casa sem permissão? – E o tempo todo sua goloz tremia e suas rukas também. Então eu disse:

– Nada tema. Se medo tiverdes em vosso coração, Ó, irmão, reza para bani-lo de pronto. – Então Georgie e Pete saíram para procurar a cozinha, enquanto o velho Tosko esperava as ordens, de pé ao meu lado com a rot escancarada. – O que é isto aqui, hein? – perguntei, pegando a pilha de datilografia de cima da mesa, e o mudji com aro de tartaruga disse, balbuciando:

– É justamente o que eu quero saber. O que é *isto*? O que vocês querem? Saiam imediatamente antes que eu os ponha para fora. – Então o coitado do bom e velho Tosko, mascarado como o PB Shelley, smekou bem alto, rugindo feito um animal.

– É um livro – disse eu. – É um livro o que você está escrevendo. – Fiz aquela velha goloz, bem grossa. – Sempre tive a maior admiração por aqueles que sabem escrever livros. – Então olhei a folha de cima, e lá estava o nome – LARANJA MECÂNICA – e eu disse: – Mas que título glupi. Onde já se ouviu falar numa laranja mecânica? – Então eu li um malenk alto fazendo um tipo de goloz alta de pastor: “...A tentativa de impor ao homem, uma criatura evoluída e capaz de atitudes doces, que escorra suculento pelos lábios barbados de Deus no fim, afirmo que a tentativa de impor leis e condições que são apropriadas a uma criação mecânica, contra isto eu levanto minha caneta-espada...” – O Tosko fez a velha música labial quando ouviu isso, e não pude deixar de smekar. Então comecei a rasgar as folhas e a espalhar os pedacinhos pelo chão, e esse escritor mudji ficou meio que bizumni e partiu pra cima de mim com os zubis cerrados e amarelos e as unhas feito garras prontas para me pegar. Foi aí que o bom e velho Tosko pegou a deixa e sorriu, fazendo er er er e ha ha ha para a boca balbuciante daquele vek, crac crac, primeiro o punho esquerdo depois o direito, para que nosso querido e velho

drugui, o tinto – vinho tinto de mesa e igual em todos os lugares, como se tivesse sido fabricado pela mesma empresa – começasse a derramar e a manchar o belo tapete limpo e os pedacinhos do livro que eu ainda estava rasgando, rasgaraz rasgaraz. Durante todo esse tempo aquela devotchka, sua adorada e fiel esposa, ficou ali simplesmente paralisada ao lado da lareira, e então começou a krikar, no mesmo ritmo da música emitida pelos socos do velho Tosko. Então Georgie e Pete vieram da cozinha, ambos mastigando, mas com as mascaretas na cara, dava para fazer isso com elas sem problema, Georgie com uma coxa fria de alguma coisa em uma ruka e na outra meio pedaço de klebi com bastante maslo em cima, e Pete com uma garrafa de cerveja espumando pela gúlover e uma rukada horrorshow de bolos de ameixa. Eles começaram a fazer hahaha, videando o bom e velho Tosko dançando ao redor e socando o vek escritor até o vek escritor começar a platchar como se o trabalho de toda uma vida estivesse arruinado, fazendo buábuá com uma rot ensangüentada muito quadrada, mas era um hahahaha abafado pela comida e você podia ver pedacinhos do que eles estavam comendo. Eu não gostava disso, porque era muito porco, por isso eu disse:

– Larguem esse mastigete. Não dei permissão. Agarrem esse vek aqui para que ele possa videar tudo e não sair de perto. – Então eles colocaram a pishka gordurosa em cima da mesa, no meio daquela papelada toda que voava, e foram até o vek escritor cujos otchkis de aro de tartaruga estavam quebrados mas ainda pendurados, com o bom e velho Tosko ainda dançando ao redor e fazendo ornamentos balançarem no mantel sobre a lareira (então eu varri todos eles dali e eles não balançaram mais, irmãozinhos) enquanto ele filava com o autor de *Laranja Mecânica*, deixando o litso dele todo roxo e pingando como um tipo muito especial de fruta sucu-

lenta. – Ok, Tosko – disse eu. – Agora vamos para a outra veshka, e que Bog nos ajude. – Então ele agarrou com força a devotchka, que ainda estava krikikrikando num compasso quatro-por-quatro muito horrorshow, prendendo os rukas dela por trás, enquanto eu rasgava isso e aquilo, os outros fazendo hahaha ainda, e grudis muito horrorshow exibindo então seus glazis rosas, Ó, meus irmãos, enquanto eu me desvestia e me preparava para o mergulho. Ao mergulhar, sluchei gritos de agonia, e esse vek escritor sangrando que Georgie e Pete estavam segurando quase ficou bizumni de uivar com as slovos mais indecentes que eu já tinha escutado e outras que ele estava inventando na hora. Então depois de mim era justo que o bom e velho Tosko tivesse sua vez, o que ele fez de uma forma bestial, fungando e uivando com sua mascareta de PB Shelley sem estar nem aí, enquanto eu segurava ela. Então fizemos uma troca, Tosko e eu agarrando o vek escritor soluçante que já havia parado de se debater, apenas deixando escapar sem muita vontade aquele tipo de slovos como se ele estivesse fora da terra em um bar leite-com, e Pete e Georgie deram a deles. Então tudo ficou tipo assim meio quieto e nós ficamos cheios tipo assim de ódio, então quebramos o que havia para ser quebrado – máquina de escrever, lâmpada, cadeiras – e o Tosko, era típico do velho Tosko, apagou o fogo com sua água e já ia estercar no tapete, porque papel de sobra havia, mas eu disse não. – Fora fora fora fora – eu uivei. O vek escritor e sua jina não estavam realmente lá, ensangüentados, rasgados, fazendo barulhos. Mas sobreviveriam.

Então entramos no auto que esperava e deixei que Georgie assumisse o volante, porque eu estava me sentindo um malenk surrado, e voltamos para a cidade, atropelando coisas esquisitas que guinchavam no caminho.